

O PROBLEMA DA INDIVIDUALIDADE DA FORMA NOS LIVROS Z E H DA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES*

Yasmin Tamara Jucksch¹

RESUMO: A candidatura dos universais (e, por conseguinte, dos gêneros) ao título de substância é veementemente descartada na *Metafísica*, uma vez que para Aristóteles o domínio sensível não pode ser explicado pela sua fundação em um domínio supra-sensível que seria dotado, este sim, de substancialidade. Essa impossibilidade se daria, dentre outras razões, pelo fato de que a *ousía* deve atender aos requisitos de determinabilidade e separabilidade, sendo, portanto, peculiar àquilo que não pode ser predicado de mais nada. O problema que nos interessa aqui é uma das principais consequências que se originam no interior dessa teoria, que preconiza que (i) nenhum universal pode ser substância, (ii) a forma não é universal, mas, ao contrário, substância primária e (iii) a forma é uma especificação comum a vários membros de uma espécie ínfima. Neste texto, nosso intuito será o de analisar duas discussões relativas a esta problemática, ambas desembocando em conclusões notadamente distintas: trata-se da posição de Lesher (1971) e da solução proposta por Frede (1987), tomando como apoio também os comentários de Ross, na sua introdução à *Metafísica*, sobre a aparente inconsistência entre o trio das teses aristotélicas que afirmam a cognoscibilidade suprema da forma, a caracterização da forma como individual e a indefinibilidade do individual.

PALAVRAS-CHAVE: *Metafísica*, substância, forma, universais.

ABSTRACT: The aspiration of the universals (and, consequently, of the genera) to the status of substance is strongly refuted in the *Metaphysics*, as Aristotle affirms that the sensible realm cannot be explained by its foundation in a suprasensible realm that would be endowed with substantiality. Among other factors, this impossibility is attributed to the fact that the *ousía* must meet the requirements of determinability and separability, thus being peculiar to what cannot be predicated

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

¹ Doutoranda em filosofia – USP. yasminjucksch@hotmail.com

of anything else. The problem discussed in this article is one of the main consequences generated within this theory, affirming that (i) no universal can be a substance, (ii) the form is a primary substance rather than universal, and (iii) the form is a common specification to several members of a species. The present article aims at analyzing two discussions concerning this problem, each one reaching a distinct conclusion: the position of Leshner (1971) and the solution proposed by Frede (1987), also supported by the commentaries of Ross in his introduction to the *Metaphysics*, regarding the apparent inconsistency between the three Aristotelian theses alleging the supreme cognoscibility of the form, the characterization of the form as individual, and the undefinability of the individual.

KEY-WORDS: *Metaphysics*, substance, form, universals.

1. Introdução

Não pairam dúvidas sobre o fato de que, no Livro Z da *Metafísica*, a tese de que nenhum universal possa ser substância esteja bem estabelecida e demarcada por Aristóteles. A candidatura dos universais (e, por conseguinte, dos gêneros) ao título de substância (“não de substância individual, mas de elemento substancial nas coisas individuais”, segundo Ross, 1924, pp. 93) é veementemente descartada ao longo de Z13 a Z16. A principal das teses adversárias visadas é, evidentemente, a Teoria das Ideias platônica, cujo escopo primordial é a indicação da *ousía* como aquilo que é o ser, a verdadeira realidade. Dado que sua força ontológica deriva da não admissão da mudança, essa realidade encontra-se em franca oposição ao domínio do vir-a-ser, do fluxo temporal dos seres que aparecem e desaparecem nos vagalhões da geração e da destruição². Em Platão, o domínio daquilo que tem atemporalidade e imutabilidade tem como característica primordial, evidentemente, uma estabilidade ontológica máxima que jamais poderá ser atribuída aos seres sujeitos à mudança.

A demarcação de Aristóteles da diferença entre essa teoria e a sua própria pode ser basicamente indicada pela imanência que ele passa a atribuir às formas, em contraste com a transcendência reificada que ele compreende nas Ideias platônicas. Para o autor da *Metafísica*, o domínio sensível não pode ser explicado pela sua fundação em um domínio supra-sensível que seria dotado, este sim, de substancialidade, dado que, dentre outras razões, a *ousía* deve atender aos requisitos de determinabilidade e separabilidade. Obviamente, o fato de que tais requisitos não devem ser compreendidos no sentido de que um gênero determinado possa ser separado dos individuais é um truísmo; na verdade, o sentido dessa determinação é o de que a *ousía* será peculiar àquilo que não pode ser predicado de mais nada (“For primary substance is that kind of substance

² Ver por ex. PLATÃO, *Fédon*, 78c; 92d; *Fedro* 237c; 245e; *Timeu*, 29c; 35a-b; *República*, 509b; 535c.

which is peculiar to an individual, which does not belong to anything else" [Aristóteles, *Metafísica*, 1038b8-9]. O problema que nos interessa aqui, exatamente, não é a maneira como Aristóteles argumenta em favor desta tese contra os platônicos ou Platão, mas sim uma das principais consequências que se originam no interior da sua própria teoria. Tentemos apresentá-la do seguinte modo: se

(i) nenhum universal pode ser substância (a Exclusividade Mútua³ de Lewis);

(ii) a forma não é universal⁴, mas tomada como a substância primária;

(iii) a forma é uma especificação comum a vários membros de uma espécie ínfima,

segue-se daí uma dificuldade de não pouca monta no caminho da compreensão da *ousía* enquanto conceito medular do corpo conceitual da metafísica aristotélica, pois, a menos que possamos distinguir diferentes sentidos para os termos que aparecem nas afirmações acima, teremos um problema lógico de não somenos importância.

Neste texto, nosso intuito será o de analisar duas discussões relativas a essa problemática, ambas desembocando em conclusões notadamente distintas: trata-se da posição de Lesher (1971)⁵ e da solução proposta por Frede (1987), tomando como apoio também os comentários de Ross, na sua introdução à *Metafísica*, sobre a aparente inconsistência entre o trio das teses aristotélicas que afirmam a cognoscibilidade suprema da forma, a caracterização da forma como individual e a indefinibilidade do individual.

2. Problemática

Depois de afirmar que o primeiro dos sentidos do ser corresponde à substância ("(...) a classe dos predicados que significam a substância é chamada de categoria da essência" [MANSION, 2009, pp. 80]), indicando-a como sujeito determinado em contraste com predicados que só secundariamente são substâncias, Aristóteles decide investigar a substância para aquém de sua própria posição teórica, isto é, nos registros de seus antecessores. Ele o faz incluindo na arena não só seus próprios candidatos especiais, o substrato e o *tò ti ên eînai*, mas também os gêneros e os

³ "X é universal a y e z (y ≠ z), somente se x não é substância nem de y ou de z". (LEWIS, 2013, p. 203, tradução nossa).

⁴ A individualização da forma contradiz, *prima facie*, a afirmação reiterada de que não é a forma, mas a matéria que individua (1034a5-8; 1054a34; 1074a31-34). Frede-Patzig (1988) I, 39 and 52, II, 256-7, and Irwin (1988), cap. 12, *apud* Lewis, p. 231, n. 64, entendem que a doutrina aristotélica indica formas essencialmente individuais, enquanto que o que é defendido por Lesher (e tomado como pressuposto por Lewis [2013, p. 231 e 210] para sua tentativa de solução), é que a forma deve ser necessariamente predicada de todos os membros de uma espécie determinada, i.e., universal em sua definição.

⁵ Publicação original. Neste estudo, fizemos uso da tradução por Paulo Fernando Tadeu Ferreira, In: ZINGANO, 2009.

universais, que posteriormente acabarão sendo descartados em conjunto, sob os mesmos argumentos.

Embora sua preocupação com as substâncias não sensíveis o faça avançar para além de Z e H, o seu propósito basilar aqui é o trabalho anterior do bosquejo da natureza da substância primeira (1028b30-32). Portanto, é através da análise dessa candidatura quádrupla que ele poderá manifestar seu método na *Metafísica*, que é em sua maior parte, diz-nos Ross,

(...) not that to advance from premises to conclusion, but a working back from common-sense views and distinctions to some more precise truth of which they are an inaccurate expression, and the confirmation of such truth by pointing out the consequences of its denial (ROSS, 1924, p. 77).

Essa descrição parece ser bastante apropriada para o exato modo pelo qual Aristóteles procede a sua lapidação da substância no processo de candidatura à *ousía*. Trata-se primeiro de depurar a noção de substrato como substância, começando por vedar a possibilidade de se identificar o substrato como a matéria indeterminada; por não ser separada nem determinada, a matéria em geral “não é *chóristón* e não é *tóde ti*” (MANSION, 2009, p. 82). No que se refere à substância sensível, “a forma (...) é sempre forma de um composto, sendo imanente a algo que tem uma matéria do qual é feito”, (ZINGANO, 2003, p. 290), ao passo que a matéria só é alguma coisa graças à forma. “And so form and the compound of form and matter would be thought to be substance, rather than matter” (*Metafísica*, 1029a29-30).

Abandonando a matéria indeterminada e buscando o que é mais causal no composto matéria e forma, Aristóteles chega à forma enquanto essência, e passa a examiná-la em um processo que culmina na sua eleição como a candidata vitoriosa no páreo aristotélico da busca pela substância. Essência, *tò ti ên êinai*, é o que ele descreve ser “what it is said to be in virtue of itself” (1029b18-19), cujo correspondente linguístico da essência é uma definição em sentido estrito (1029b13-1030a17).

O problema em questão é como salvaguardar a radicalização da *Metafísica* em relação às *Categorias* no que diz respeito à determinação da *ousía*: a posição anterior – mais confortável – de que o composto é que seria a substância é modificada pra que se possa assumir agora, na *Metafísica*, que é a forma (com sua preeminência e preponderância sobre a matéria e o composto) a verdadeira *ousía*. Este brilhante resultado da lapidação da sua teoria da substância, contudo, dá abertura para um questionamento que se impõe imediatamente: se a forma não é universal, mas é o princípio do ser e do movimento, como poderá ser individual? Aristóteles repete veementemente que a *ousía* deverá ter as características que o universal, obviamente, jamais terá: a autonomia (*katá autó*),

individualidade (*tóde ti*) e separação (*tò choristón*), sendo o sujeito último de predicção (καὶ γὰρ τὸ χωριστὸν καὶ τὸ τόδε τι ὑπάρχειν δοκεῖ μάλιστα τῆ οὐσίᾳ, 1029a27-28)⁶.

Entretanto, observamos claramente que a forma se repete dentre os membros de uma determinada espécie. Desse ponto de vista, a forma como espécie não poderia ser substância, pois é comum; ou, nos termos usados por Frede no exemplo de Theoris I e II (FREDE, 1987, p. 76-77)⁷, a pergunta poderia ser repostada do seguinte modo: como duas ou mais formas idênticas podem ser particulares se suas especificações são as mesmas nos mínimos detalhes? De qualquer modo, é preciso partir do fato claro de que Aristóteles já firmou sua posição de que o que um objeto é, é de fato a sua forma (1038b10-17, 1032b1-2, etc.).

2.1 . A solução de Frede (1987)

Parece-nos que podemos dizer que a solução de Frede, ao argumentar a favor da possibilidade de salvaguardar a teoria aristotélica desta aparente inconsistência, lança mão (como seu trunfo principal) da relação que há entre, de um lado, uma forma realizada em ato em um composto, como *tóde ti*, e de outro o esteio temporal específico no qual essa realização das propriedades se dá de maneira única. Ademais, parece-nos que com essa solução ele também acaba se aproximando da diferenciação sutil pontuada por Ross e que ele afirma ser mal observada, quando requerido, entre o uso de forma como uma variedade do substrato, a configuração (*shape*) sensível e forma como *tò tí ên eînai*, a natureza inerente, aquilo que faz a coisa ser o que é⁸.

Parece ser essa diferenciação uma das consequências da indicação de Frede de que, não obstante suas especificações idênticas, a diferença entre as formas de dois seres animados pode ser sustentada pela diferença que há entre a alma de Sócrates e a alma de Platão: ainda que as suas especificações formais enquanto homens sejam as mesmas, a forma de um difere da forma do outro (*Metafísica*, 1071a 24-29).

⁶ συμβαίνει δὴ κατὰ δύο τρόπους τὴν οὐσίαν λέγεσθαι, τό θ' ὑποκείμενον ἔσχατον, ὃ μηκέτι κατ' ἄλλου λέγεται, καὶ ὃ ἂν τόδε τι ὄν καὶ χωριστὸν ἢ τοιοῦτον δὲ ἐκάστου ἢ μορφή καὶ τὸ εἶδος. (*Metafísica*, 1017b25); εἰ δέ τί ἐστι πρῶτον ὃ μηκέτι κατ' ἄλλο λέγεται ἐκείνινον, τοῦτο πρώτη ὕλη· οἷον εἰ ἡ γῆ ἀερίνη, ὃ δ' ἄηρ μὴ πῦρ ἀλλὰ πύριος, τὸ πῦρ ὕλη πρώτη οὐ τόδε τι οὔσα (*Metafísica*, 1049a24-27).

⁷ Frede dá um exemplo de um navio, que chama de Theoris. Ele é reformado muitas vezes até que as tábuas originais são totalmente substituídas. Mas o construtor usa as antigas tábuas e constrói outro navio com as mesmas especificações do primeiro. Claramente Theoris I é o antigo, e o navio com as velhas tábuas é o novo, Theoris II, embora suas tábuas e seu plano sejam idênticos ao do original, enquanto que o original tem tábuas novas. Theoris I é idêntico ao original porque havia uma disposição que era a das tábuas originais, depois a disposição de um conjunto de tábuas um pouco diferente, e finalmente, a disposição de um conjunto de novas tábuas. A disposição de Theoris II, embora seja a disposição do arranjo original de tábuas, e embora construído com a mesma especificação, não tem aquela mesma história e, conseqüentemente, não tem a disposição do navio original.

⁸ Cf. Ross, 1924, p. 94.

De fato, ele argumenta, as coisas têm a mesma forma no sentido de que coisas do mesmo tipo têm a mesma especificação de suas formas (1071a29); mas a distinção fática de formas particulares no mesmo ponto do tempo é possível de ser feita em matérias diferentes (como também aponta Lewis). E o fato de que a matéria possa mudar completamente (como no exemplo de um navio cujas partes são gradualmente substituídas e que, ao final, não possui nenhuma de suas tábuas originais), leva Frede a afirmar que, ainda assim, será possível fazer a identificação contínua no tempo de uma mesma forma porque ela simplesmente poderá ser identificada por sua história singular: "a particular form (...) can be identified through time by its continuous history of being realized now in this and now in that matter, of now being the subject of these and then being the subject of those properties" (FREDE, 1987, p. 78).

A leitura de Frede busca nos convencer de que a forma substancial⁹ particular sintetiza a concretização temporal e individual de uma disposição que, mesmo sendo sempre igual a si mesma, comum a vários membros e anterior ao composto e ao tempo, só se realiza de fato na instanciação temporal. Diferentemente da tese platônica, aqui o tempo é fundamental para que o real se dê. Assim, a realização das capacidades de uma forma em um composto e em uma linha de tempo específico realiza uma trajetória que é própria e intransferível, a qual poderá assegurar a característica primária de individualidade da forma.

2.2 . A posição de Lesher (1971)

Evidentemente, esta solução parece ter menos sucesso no caso dos entes inanimados. Para Lesher, a tese de que a forma possa ser, sem mais, tomada como individual, tenta debalde buscar apoio nas formas dos seres animados, em cujo domínio termos como "trajetória" ou "história" fazem algum sentido. É difícil encaixá-la nos mesmos moldes quando se trata de analisar, sob o mesmo escopo, as substâncias inanimadas (LESHER, 1987, p. 239).

Embora Frede não conste entre os interlocutores de Lesher, a tentativa daquele de salvaguardar a individualidade das formas pelas suas realizações temporalmente específicas pode ser aqui seguramente confrontada com o texto de Lesher. Neste diálogo hipotético, provavelmente Lesher diria que a tese de Frede não pode se sustentar como teoria ontológica, dado que o fato de ser comum a vários membros é logicamente anterior às suas instanciações individuais; em se

⁹ Cf. 1042a3-15: "(...) it should be clear that Aristotle now does mean to say that substantial forms, rather than particular objects, are substances in primary sense" (Frede, 1987, p.80). "Aristotle (...) has come to assume separate substantial forms which, on his view, are paradigms of substances, but which are not substances in the same way as the composites or the concrete particular objects are" (Frede, 1987, p. 79).

tratando de forma, isso é essencial ("Form indicates a 'such', never a 'this', a characteristic, never the concrete thing that bears it"¹⁰). Isso necessariamente compromete Aristóteles com a tese de que a forma é universal, justamente porque é comum a vários ou a mais de um membro de uma espécie. "Existe apenas uma forma e, enquanto é peculiar ao indivíduo em um sentido, existe um segundo sentido, talvez mais relevante, em que Aristóteles se compromete com a universalidade da forma" (Leshner, 2009, p. 239). Leshner cita em seu favor as seguintes passagens, profícuas também para uma resposta hipotética a Frede: em 1034a5-8, Aristóteles afirma que "Sócrates e Cálidas são diferentes, mas o mesmo em forma, pois a forma deles é indivisível", e que "o que é comum a muitas coisas é um universal" (1038a28). Leshner também extrai da passagem de as *Partes dos Animais* (644a24-25) a afirmação aristotélica de que "esses indivíduos (Sócrates e Corisco) possuem uma forma específica comum" (*apud* Leshner, 2009, n. 2).

Como os interlocutores de Leshner buscam argumentar a favor da negação dessa consequência não desejada por Aristóteles, isto é, da negativa de que a forma acabe sendo considerada como universal? Vejamos dois deles, cujas saídas são afetas à de Frede: Rogers Albritton¹¹, que busca sustentar a ideia de que matéria, forma e força motriz são estritamente individuais (de acordo com *Lambda*, 1071a28) e que, como argumenta Frede, a forma de uma substância animada (a alma) é peculiar a ela (conforme a definição de alma contida nos Livros Z e H). Por outro lado, A. R. Lacey¹² entende que Aristóteles esteja distinguindo diferentes sentidos de substância, e, na linha de Frede, afirma que a *ousía* não pode ser identificada com o objeto particular, mas sim que deve ser entendida como *ousía deste objeto*: "(...) termos como "homem" não são os mesmos de uma *ousía* no sentido em que alguém pode falar em uma *ousía* como um objeto, mas são usados para dizer o que a *ousía* de um objeto é" (Lacey *apud* Leshner, 2009, pp. 241). Leshner, ao contrário, visa mostrar que, ao fim e ao cabo, nem mesmo assim Aristóteles logra o intento de se desenredar da perturbadora consequência da universalidade da forma.

Em resposta a Albritton, Leshner afirma que o sentido mais importante da forma é o da sua comunidade, e que, se Aristóteles afirma que a definição universal de cada uma das formas é a mesma (1071a29), então Albritton "(...) não pode concluir disso que a forma não é um universal, mas apenas que a forma existe apenas nas substâncias individuais que a têm". "A doutrina da forma imanente de Aristóteles (...) não salvará Aristóteles das dificuldades presentes", pois, para mostrar

¹⁰ Ross, 1924, p. 123.

¹¹ ALBRITTON, Rogers. "Forms of Particular Substances in Aristotle's *Metaphysics*", *Journal of Philosophy*, vol LIV, no. 22, 1957, p. 699-708.

¹² LACEY, A. R. "*Ousía* and Form in Aristotle", *Phronesis*, vol. X, no. 1 (1965), p. 54-69.

que Aristóteles, no fim das contas, não provou a individualidade ontológica da forma, “temos apenas que encontrar evidências de que a forma é comum àquelas coisas que a têm, ‘uma vez que é chamado universal o que é tal que pertença a mais de uma coisa’ (1038b11-12)”.

Já contra Lacey – que alega que a forma específica é dita substância apenas em um sentido diferente – Lesher argumenta que Aristóteles distingue tipos, e não diferentes sentidos de substância; e, ainda que os distinguisse, a teoria continuaria sujeita à inconsistência, dado que se, nenhum universal é substância, então nenhum universal será qualquer tipo que seja de substância. Não há evidência, segundo ele, para sustentar esta posição.

A força [da afirmação de que nenhum universal poderá ser substância] tem de residir (...) no fato de que nenhum universal pode ser uma substância de qualquer tipo que seja; conseqüentemente, não será suficiente simplesmente sustentar que a forma específica é um tipo de substância diferente das substâncias que são compostos de forma e matéria. (LESHER, 2009, p. 241).

Além disso, Lesher aduz em seu proveito a força da unidade *pròs hén*: embora existam vários sentidos de *é* ou *ser*, a estrutura linguística da *Metafísica* de Aristóteles é a de que existe um sentido nuclear ou focal que é o da substância¹³.

3. Cognoscibilidade da substância

Outro aspecto importante do problema diz respeito à sua faceta gnosiológica. Lesher insiste, ainda em sua resposta à Albritton, no problema científico da suprema cognoscibilidade da substância em relação à incognoscibilidade do indivíduo:

Um mundo em que os indivíduos possuíssem formas que fossem não apenas ontologicamente particulares, mas também epistemologicamente particulares seria um mundo em que a ciência aristotélica seria inoperante. À luz da importância do conhecimento científico para Aristóteles e da centralidade da forma no interior desse conhecimento, podemos concluir que a forma tem de ser universal em sua definição. (Lesher, 2009, p. 240)

¹³ Para Lesher, o dilema de Aristóteles poderia ser evitado pela distinção de duas proposições, ambas derivadas da afirmação de que “nenhum universal pode ser uma substância”. São elas: Nada que seja não-particular pode existir como substância.

Nada que seja comum a muitos pode existir como substância.

Para Lesher, Se tomamos a posição de Aristóteles como aquela expressa em 1, evitamos o dilema, pois a doutrina da forma imanente não compromete Aristóteles com substâncias não-particulares. No entanto, evita-se o dilema, diz ele, às custas da força argumentativa de Zeta 13, que “se transforma em uma simples exposição da posição de Aristóteles em contraste com a posição dos platônicos”.

A questão da definição importa para nossos intuitos, pois a pergunta “o que é” (que com mais sentido se dispõe como “por que isso é assim”¹⁴, é respondida com uma definição que pretende apontar para causas, e como tal faz uso de termos que são em todo caso universais, pois do indivíduo concreto nunca haverá definição (there is neither definition nor demonstration of sensible individual substances, because they have matter whose nature is such that they are capable both of being and of not being”. *Metafísica*, 1039b27-30). Com uma definição, portanto, pretende-se manifestar a essência do que a coisa é a partir de termos universais.

Mas se só o universal é cognoscível para a ciência (principalmente para a aristotélica), redundar-se-ia na conclusão de que só ele seria substância, ao menos primariamente. Entretanto, como vemos no dissenso com a tese de Sócrates, o jovem, se a definição de homem deve incluir o cérebro e o coração, sem os quais não há homem algum, parece que na maioria dos casos cada forma realizar-se-á plenamente apenas em um certo tipo ou uma certa gama de tipos de matéria. Poderíamos nos perguntar se, quanto mais específica for a forma, mais específico será o material (ou a gama de materiais) requerido? A função de uma serra só será salvaguardada se ela for constituída de certos materiais que compõem um arco de opções limitado. De todo modo, pura forma é substância para Aristóteles, mas poucas das coisas que *prima facie* são puras formas acabam sendo realmente puras da matéria (Ross, 1924, p. 101), seja ela sensível ou inteligível.

O fato é que nas substâncias sensíveis e inteligíveis a forma é preexistente ao composto (o princípio formal é causa do material sensível ou inteligível), mas ambas não podem existir em ato separadamente¹⁵. Se a definição que revela a essência das substâncias sensíveis não pode prescindir da matéria, ela então manifesta uma determinação individual (que não é a matéria pura, como vimos), mas é *esta* matéria informada, o conjunto de matéria e forma, um *tóde ti*.

Lewis parece fornecer uma argumentação importante na abordagem do problema por outro ângulo: a forma não é predicável do composto, somente da matéria, e portanto não pode ser universal para o composto¹⁶:

¹⁴ Segundo Ross, o modo de aproximação da forma ou essência é a seguinte: “é consenso que a substância é uma fonte e causa originária, i.e., que é o que faz as coisas serem o que são. Esta é a resposta para a questão “Por quê?” Mas a questão ‘por quê?’ não se dá na forma “por que A é A?” – que é uma questão estúpida. (...)”. “(...) nós estamos procurando por uma causa que é – para dizer abstratamente – a essência, mas em alguns casos é o fim a ser promovido, e em outros (como no trovão) é a causa motriz” (Ross, 1924, p. 111, tradução nossa).

¹⁵ “Havendo razões para postular uma substância que seja puro ato, sem nenhuma potência ou matéria, isto pode agora ser feito, pois não há mais incompatibilidade com a doutrina da substância, visto que, nesta, o princípio formal foi distinguido do material em termos tais que um é causa do outro, ainda que, no que toca às substâncias sensíveis, não possam existir separadamente” (ZINGANO, 2003, p. 287).

¹⁶ “Man and horse and the things that <apply> in this way to particulars, but universally, are not substance but a kind of compound of this form and this matter, taken universally”. (Cf. Z 10,1035b27–30. LEWIS, 1987, p. 181).

if Aristotelian forms are universals, we must suppose that one and the same form, ψ , is found both in Socrates and in Callias; but if ψ is also substance of them both, then apparently, ψ is both universal to and the substance of the very same things, contrary to Mutual Exclusivity (...). [But] " ψ is predicated neither of itself, nor of Socrates or Callias, but of their matter (...); so ψ is not predicated of or universal to the very things of which it is the substance. (LEWIS, 2013, p. 210).

Ainda assim, a coexistência que se pretende aproblemática, na teoria aristotélica, entre a cognoscibilidade dos universais, a impossibilidade de ciência dos individuais e a afirmação da substância justamente como *tóde ti*, e como o que é mais real e cognoscível, enreda seus intérpretes em sérias dificuldades.

Ross oferece duas saídas para este problema: em primeiro lugar, se os indivíduos podem ser conhecidos com a ajuda da *nóesis* ou por percepção¹⁷ (substâncias inteligíveis e sensíveis, respectivamente), tais modos concretos de conhecimento serão os relativos aos indivíduos, pois pelo fato de que nosso conhecimento do indivíduo não seja o mero resultado de um simples conjunto de universais, ele não poderia ser expresso nestes termos. No entanto, isso não significa que o conhecimento do indivíduo seja impossível, nem que esteja em oposição ao conhecimento científico. Isso porque, para Aristóteles, o conhecimento do indivíduo seria o verdadeiro conhecimento atual, de acordo com a passagem apontada por Ross:

For knowledge, like knowing, is spoken of in two ways—as potential and as actual. The potentiality, being, as matter, universal and indefinite, deals with the universal and indefinite; but the actuality, being definite, deals with a definite object,—being a 'this', it deals with a 'this'. But per accidents sight sees universal color, because this individual color which it sees is color; and this individual which the grammarian investigates is an a. For if the principles must be universal, what is derived from them must also be universal, as in demonstrations; and if this is so, there will be nothing capable of separate existence—i.e. no substance. But evidently in a sense knowledge is universal, and in a sense it is not. (*Metafísica*, 1087a15-25)

Se objetássemos que, ainda assim, o conhecimento do individual será sempre dependente do conhecimento universal, entraríamos na querela inamovível sobre se e como seria possível o conhecimento dos universais independer completamente das instanciações individuais.

3 Reflexões finais

¹⁷ Cf. 1036a5-6.

Sem dúvida Aristóteles visa a antinomia do Um e do Múltiplo com a sua teoria da substância (MANSION, 2009), e é também em meio a essa antinomia que se encontram seus intérpretes. Nesta arena, seria impossível pretender garimpar uma interpretação unívoca a respeito do problema da consideração da forma como substância (e aqui nos referimos mais especificamente ao tratamento do problema no registro das substâncias sensíveis, escopo de Z e H).

De um lado, se a condição de atualização plena da forma é (quase) sempre a de realizar-se em um composto (seja ele formado por matéria sensível ou inteligível), então a realização dessa sua indivisibilidade – desta sua unidade que não é um conglomerado de outras substâncias, mas substância ela mesma, irreduzível a nada mais – em uma sequência temporal específica é, justamente, o que apontaria para o caráter individual da substância (como quer Frede), e a forma poderia ser assim salva do problema da universalidade. Por outro lado, críticos na linha de Lesher reafirmam a dificuldade lógica a que a teoria permanece se expondo neste exíguo ponto: vide as tintas carregadas do autor quando afirma que “nenhuma das tentativas de salvar Aristóteles da contradição teve sucesso e é difícil vislumbrar qualquer outra doutrina aristotélica que possa ser invocada em defesa” (LESHER, 2009, p 242).

De fato, é notório que para Aristóteles nada que seja universal será um *tóde ti*. Mas se ele não nega que o que é *tóde ti* possua especificações comuns a vários membros de uma espécie, isso talvez se deva à abertura de Aristóteles para a possibilidade de conceder à universalidade algum papel definido no interior da sua substância imanente. Smith (1921), ao afirmar que o *tóde ti* é tanto um ‘isto’ quanto um ‘algo’, parece traduzir estes desígnios que supomos poderem ter sido os de Aristóteles: o *tóde ti* seria assim uma instanciação extraordinária, a única entidade capaz de realizar a coalescência entre individual e universal de forma absolutamente perfeita. Dessa feita, poderíamos aventar a possibilidade de que, com o *tóde ti* Aristóteles não queira afirmar que os universais não estão excluídos das substâncias, mas apenas que eles não sejam substância eles mesmos. Constituir-se como *ousía* é primariamente possuir coesão interna – e mesmo que o fato de formar-se como um certo tipo de unidade possa ser inerente a muitas outras coisas, é apenas na instanciação que ela se realiza de fato. A forma não é perecível e, portanto, permanece, mas só nas suas instancicações, pois são elas que parecem fazê-la de fato realizar a substância, o que é mais ser. O critério exigido é que ela se manifeste como uma instanciação num *tóde ti*, pois o que algo é em si só pode se realizar enquanto *choristón*. É essa autonomia ontológica da forma, esse seu caráter imanente e de preexistência ao composto que justificam seu coroamento com o título de *ousía* primária.

Desse modo, Aristóteles pode se decidir pela primazia da individualidade da forma na candidatura à substancialidade pelo gênero ou pelo universal. Poderíamos portanto considerar que Aristóteles, conquanto não negligenciasse a presença de caracteres universais na substância, estivesse decidido a mostrar que antes de mais nada ela é uma unidade, e só secundariamente uma multiplicidade de caracteres comuns ou universais que o tornam membro de uma espécie ou classe? Seja como for, é indiscutível que, ao negar a reificação de qualidades ou abstrações e realocar nos entes a imanência substancial, Aristóteles julga devolver-lhes a realidade que, segundo ele, lhes fora sacada pelo platonismo. O fato é que esta enorme envergadura da afirmação da preexistência e proeminência da forma, e, portanto da "natureza como princípio, e não como elemento material"¹⁸, mostra o quão arqueologicamente fértil é o ambiente para os estudiosos da monumental edificação da *Metafísica*. Mas à expressão "monumental edificação" acrescentamos uma ressalva: que a imagem da "edificação" e a pujança argumentativa que ela sugere, como belamente exprimiu Ross, não nos leve à ideia de que a *Metafísica* é um sistema dogmático, mas um colosso filosófico resultante das "aventuras da mente em sua busca pela verdade" (ROSS, 1924, p. 77; tradução nossa).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Complete Works of Aristotle: The Revised Oxford Translation*. Edited by J. Barnes. Vol 2. Bollingen Series. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984.
- BOSTOCK, D. *Metaphysics. Books Z and H*: translated with a commentary by David Bostock. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- FREDE, M. Substance in Aristotle's *Metaphysics*. In: *Essays in Ancient Philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- LESHER, J. H. Sobre forma, substância e universais em Aristóteles: um dilema. In: ZINGANO, M. *Sobre a Metafísica de Aristóteles*. 2ª ed. São Paulo: Odysseus, 2009 (1971).
- LEWIS, F. *How Aristotle gets by in Metaphysics Zeta*. Oxford: Oxford U. P., 2013.
- MANSION, S. A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles. In: ZINGANO, M. *Sobre a Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus, 2009 (1946).

¹⁸ "But it would seem that this is something, and not an element, and that it is the cause which makes *this* thing flesh and *that* a syllable. And similarly in all other cases. And this is the substance of each thing; for this is the primary cause of its being; and since, while some things are not substances, as many as are substances are formed naturally and by nature, their substance would seem to be this nature, which is not an element but a principle. An *element* is that into which a thing is divided and which is present in it as matter, e.g. *a* and *b* are the elements of the syllable" (*Metafísica*, 1041b23-30).

O problema da individualidade da forma nos livros Z e H da *Metafísica* de Aristóteles, pp. 259-271

ROSS, W.D. (Ed.). *Aristotle's Metaphysics: a revised text with introduction and commentary* by W. D. Ross. Oxford: Clarendon, 1924.

SMITH, J.A. *TODE TI* em Aristóteles. In: ZINGANO, M. *Sobre a Metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus, 2009 (1921).

ZINGANO, M. Forma, Matéria e Definição na *Metafísica* de Aristóteles. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 13, n. 2, p. 277-299, jul.-dez. 2003.